

Título: Nós e a nossa solidão
Gênero: Literatura e Ficção
Autora: Léa Ferro
Data: Inverno de 2010

Nós e a nossa solidão: Em três atos

[Para Hélio Ribeiro]



I – Das estranhezas:

Estamos sós, embora estejamos lado a lado. Estamos sós, apesar da solidão que insiste em nos fazer companhia. Estamos sós, desejando ardentemente domingos e feriados. Estamos sós e o amanhã parece estar tão distante, a vida parece demais, pequena, para a grandiosidade das nossas humildes almas.

Estamos sós e nenhum som se faz maior que o silêncio.

II – Das realidades:

Eles despertam com o nascer do sol, que muitas vezes emudece atrás das nuvens brancas e sólidas, aumentando a solidão que os assola, para se despedirem daqueles que mais amam.

Um se despede dos pais, ainda tão jovem e já preso aos itinerários da rotina, sai pelo mundo afora, na utópica ilusão de sabedoria e fortuna, a outra, mais velha, se despede do ser amado, com um beijo sonolento e a promessa de que as horas não de passar, para que o reencontro não seja tardio.

Ele, o mais jovem, passa sua manhã perdido entre letras e livros, com a mente inquieta e os pés sacolejando debaixo da carteira, o olhar preso no relógio que não adianta, as mãos giram uma caneta com tinta azul meio gasta e sua vontade é estar entre os seus, mas terá que voltar para casa que abriga lembranças do nascer do dia. Há momentos que chega a sentir falta das broncas da mãe e do olhar repreensivo do pai, só para estar entre os seus.

Ela envolve-se em seus afazeres e quando não os têm, envolve-se em tintas e pincéis só para não notar as horas que a separam dos seus. Pensa no bem amado a cada minuto e tenta imaginar o que ela estaria fazendo. Tenta remover o silêncio da casa com algumas canções que lhe agradam, mas o silêncio parece estar impregnado em cada canto.

Quando o sol se põe a pino, ele retorna e cumprimenta a mulher de olhar esmiuçado, que sorri ao vê-lo e retribui, com a mesma gentileza, o cumprimento. Tentando fazer companhia um ao outro, eles se perdem em palavras e velhas histórias, fazem confidências e partilham algumas risadas. Tornam-se cúmplices, enquanto o micro-ondas apita solenemente as doze horas. Ela sabe mais de sua vida, do que a mãe que o gerou e ele tem mais tempo ao lado dela, do que o ser amado que lhe faz juras secretas entre os lençóis.

Eles retornam para suas casas vazias e almoçam separados, o tilintar dos talheres os une e o ladrar do cão na frente das casas, os pega de assalto. Estão inertes, tentando não pensar em suas famílias que prometeram não tardar o retorno necessário.

Suas casas germinadas, suas vidas germinadas e a solidão que germina em seus poros

A tarde chega demoradamente, para ocupar as suas horas e ambos voltam a se cumprimentar no portão da casa, desta vez com menos lamúria e a certeza de que terão a companhia de outras pessoas para alegrar o seu dia.

Ela sai para o trabalho e ele para o futebol. Ela terá toda uma tarde de compromissos e promessas e ele de muito suor a escorrer pelo rosto. Eles sorriem ao caminharem para seus mundos externos, pois sabem que quando a noite cair poderão retornar para suas casas, mas a solidão terá batido em retirada e o som do silêncio será quebrado pelas vozes que os esperarão na porta da sala.

Ela sabe que receberá o beijo saudoso de seu amor, assim como ele, que receberá o beijo afetuoso de seus pais.

III – Dos sonhos:

Estamos sós, embora estejamos lado a lado, estamos sós e o brilho do astro rei se tornou cúmplice da nossa dor. Estamos sós, durante as longas horas do dia, que insiste em não passar. Estamos sós, boa parte do tempo de nossas vidas. Estamos sós, mas enquanto a noite durar não precisaremos nos preocupar com a temida solidão, porque nossas casas já não estarão vazias e nossas vozes

farão par com as daqueles que amamos. Poderemos sonhar e até ter pesadelos, porque teremos alguém ao nosso lado para nos acalantar e nos dizer que tudo ficará bem. Nossas perguntas serão respondidas e o chá aquecido por outras mãos que nos levará a caneca até a cama, assim receberemos o beijo de boa noite e o vazio será dissipado...

Pelo menos, até o amanhecer.

Léa Ferro, SP. Inverno de 2010.